

A PERCEPÇÃO DOCENTE ACERCA DA UTILIZAÇÃO DE CELULARES DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

**PAULO IVAN DE ÁVILA DA SILVA¹; MILLEN GABRIELLE DA SILVA REIS²;
ADRIANA SCHÜLER CAVALLI³**

¹Universidade Federal de Pelotas – pauloivanavila@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – millengabrielle@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – adriscavalli@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escola deve proporcionar um ambiente saudável, seguro e propício para o aprendizado e desenvolvimento pleno do alunado, protegendo-as de situações que possam representar riscos à sua saúde física, psicológica e social.

O estilo de vida sedentário, ou sedentarismo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010) é definido como a falta e/ou ausência de atividades físicas ou esportivas. Considerado como a doença do século, está associada ao comportamento decorrente dos confortos da vida moderna, seja por meio do uso do celular, computador ou video-game. Assim, numa época em que se torna quase impossível viver sem acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), seja na vida cotidiana ou no campo profissional - em especial na educação, as políticas públicas são poucas. Considerando ainda que a tecnologia não é neutra e sim, fruto da interação das forças sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade (BRANT, 2008).

Garcia (2009) ressalta que os educadores atualmente estão vivenciando um problema educacional e pedagógico no que tange ao uso de aparelhos celulares no ambiente escolar.

Ramos (2012) considera que os aparelhos eletrônicos em sala de aula são muitas vezes um convite à distração dos alunos durante as aulas, e são utilizados normalmente em excesso prejudicando o aprendizado dos mesmos.

Portanto, o problema de pesquisa foi verificar a interferência do uso de celulares nas aulas de Educação Física. Desse modo, o objetivo do presente estudo consistiu em analisar a percepção dos professores acerca da interferência do uso de celulares por escolares, durante as aulas de Educação Física (EF), no andamento das atividades nomeadas pelo professor.

2. METODOLOGIA

A amostra foi intencional, com os professores de EF do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, de escolas públicas municipais da área urbana, onde foram realizados os estágios da Escola Superior de EF no primeiro semestre de 2018, do curso de Licenciatura Diurna. Os professores foram convidados a participar da amostra e os que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Participaram do estudo 11 professores orientadores de estágio IV, do 6º ao 9º ano, de escolas da rede municipal de ensino. Dos 13 professores convidados, 2 declinaram sua participação. Para sigilo na identificação dos professores, os mesmos foram numerados de 1 a 11.

Quanto ao instrumento utilizado foi formulado um questionário pelos pesquisadores com perguntas abertas e fechadas a fim de responder os questionamentos da pesquisa. As perguntas estavam relacionadas a participação dos alunos em aula, do uso de celulares, possibilidade de interferência do uso de celulares no bom andamento das atividades propostas pelos professores e opinião dos professores de Educação Física sobre o uso do celular nas aulas ministradas por eles.

Para analisar os dados coletados foi utilizado o programa Excel 2010 os quais foram expressos em números absolutos e percentuais. Na análise das perguntas abertas, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2016) que tem como referência principal um conjunto de técnicas de análise da comunicação que pode utilizar procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos apresentados pelas mensagens analisadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os dados obtidos no estudo, 90,9% dos professores já identificaram algum aluno fazendo uso de celular durante suas aulas. Dessa amostra, 54,5% são contra o uso de celulares durante as aulas de EF, e 100% atuam em escolas que possuem regras de proibição do uso de aparelhos eletrônicos durante as aulas. Os resultados vão ao encontro do estudo desenvolvido por Ramos (2012) em uma escola pública, onde verificou que, dentre os problemas enfrentados na sala de aula com os alunos, pode-se citar a dispersão do conteúdo, as conversas paralelas, o atendimento ao telefone celular, as brincadeiras, os jogos on-line e no próprio equipamento, a função de ouvir músicas com fones de ouvido, ou ouvir outras mídias como MP3 e MP4, pelos alunos durante as aulas.

No que concerne a questão do professor ser a favor do uso de celulares nas aulas de EF, menos da metade dos professores (45,5%) são a favor, e justificam isso a partir da utilização como meios de pesquisas e aplicativos voltados as áreas específicas dentro da disciplina.

Sobre a interferência positiva ou negativa dos celulares em sala de aula, dois professores relataram já ter passado por ambas situações durante suas aulas. Em maior proporção, seis professores declararam haver interferência única e exclusivamente negativa nas suas aulas, enquanto três professores relataram nunca ter sofrido interferência dos aparelhos celulares nas aulas, de ambos aspectos.

Os relatos dos professores que declararam já ter percebido uma interferência negativa por conta do uso de celulares em sala de aula, que foram maioria (72%), vão ao encontro ao que atesta Garcia (2009) que ressalta que o uso de equipamentos eletrônicos em sala de aula, principalmente no Ensino Fundamental, pode ocasionar distrações. Sendo assim, muitas escolas têm

optado pela proibição do seu uso, ou até mesmo do seu ingresso na escola. Contudo essa leitura pode não resistir a determinadas mudanças que vêm ocorrendo no mundo e nas próprias escolas. A tecnologia disponível nos celulares vem avançando de tal forma que em algum momento a escola deverá debater, democraticamente, sua utilização em processos de aprendizagem, e assim rever alguns critérios de disciplina, avançando de uma racionalidade de controle para uma perspectiva de integração. Entretanto, isso vai representar, respeitando as proporções e possibilidades, algo mais complexo do que ocorreu em relação ao uso da calculadora há anos atrás, por exemplo. Talvez, em poucos anos, a tecnologia mais barata e acessível dos celulares estará avançada de tal forma a não mais podermos deixar de integrá-la nos processos de ensino-aprendizagem exercidos na escola.

Ainda em relação ao fato do aparelho celular atrapalhar o bom andamento das aulas, estudo realizado por Trombetta e Faxina (2015), demonstrou que 80% dos educadores da escola afirmaram que os celulares atrapalham as aulas; para 13% não atrapalha; e 7% não emitiram opinião a respeito. Esses resultados corroboram os dados obtidos no presente estudo, visto que grande maioria dos professores relatou já ter observado interferência negativa por parte dos celulares durante suas aulas.

Quando questionados sobre o andamento das aulas com a liberação do uso de celulares e outras tecnologias nas aulas de EF, a grande maioria dos professores relatou que os alunos “não sabem” utilizar o celular, ou seja, não conseguem trabalhar com prioridades, sempre ressaltando que os mesmos tem uma necessidade de estarem conectados. Um único professor declarou não encontrar nenhum problema no uso liberado do celular em sala de aula, desde que não tirasse o foco dos alunos.

Em um levantamento de dados sobre a utilização do aparelho celular (TROMBETTA e FAXINA, 2015), a opinião entre os educadores diverge inclusive de maneira negativa: 67% indicam que os alunos utilizam os aparelhos celulares indevidamente, para a maioria das situações, e que muitas experiências considerando o uso de celulares nas aulas não foram bem sucedidas. Explica-se no estudo que durante as aulas a maioria dos alunos se dispersa e migra para outras páginas da internet, como Facebook e Instagram, em que as prioridades são os relacionamentos sociais e não o proposto pelos educadores. Esses dados corroboram com os resultados obtidos no presente estudo, uma vez que a maioria dos professores relata que os alunos não sabem utilizar o celular, ou seja, não conseguem trabalhar com prioridades, sempre ressaltando que os mesmos tem uma necessidade de estarem conectados as redes sociais. Tendo em vista que os adolescentes estão em uma etapa da vida em que tudo tem uma intensidade muito grande, falta o equilíbrio necessário para o uso das redes sociais digitais como espaço de convivência sem interferir diretamente na capacidade de administrar todas as tarefas com os compromissos referentes ao desenvolvimento escolar. O aspecto lúdico através da diversão, descontração e espontaneidade faz com que as redes sociais não sejam vistas também como um ambiente de aprendizagem e sim como um ambiente de relacionamento pelos usuários. Esses indícios levam a crer que está cada vez mais difícil “competir” com as redes sociais, assim como está difícil de inserir o celular de modo direcionado e pedagógico. É um impasse, muitas escolas preferem coibir o uso de celulares como regra institucional. Os alunos devem, então, respeitar as regras e o celular

não pode ser utilizado como ferramenta pedagógica, nem como distração por meio das redes sociais e demais aplicativos.

4. CONCLUSÕES

Os professores observaram que há uma interferência no uso de celulares nas aulas de EF, em grande maioria das vezes de forma negativa. As aulas de EF, que deveriam ser um momento para os alunos se movimentarem, fazerem atividades de forma orientada e planejada, sendo às vezes é a única atividade física semanal praticada por alguns deles, acaba perdendo o sentido quando os mesmos deixam de praticar para ficarem conectados às redes sociais. Mesmo que as escolas tenham normas proibindo a utilização dos aparelhos no ambiente escolar, ainda assim os alunos insistem por terem necessidade de estarem conectados. Apesar de uma parte dos professores serem a favor do uso de celulares, e alguns até tentarem conversar com os alunos para conscientizá-los da sua utilização otimizada, em geral, os alunos não sabem trabalhar com prioridades e utilizar o celular de uma maneira pedagógica, como um elemento de aprendizagem, enriquecendo a aula. Falta o equilíbrio necessário para o uso do celular/redes sociais como um espaço de convivência sem interferir diretamente na capacidade de administrar as tarefas e os compromissos referentes ao desenvolvimento escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016

BRANT, J. O lugar da educação no confronto entre colaboração e competição. In: PRETTO, N. De L. e SILVEIRA, S. A. (Orgs). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. S. A. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 69-74.

GARCIA, J. Representações dos professores sobre indisciplina escolar. **Educação (UFSM)**, v. 34, n. 2, p. 311-324, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global recommendations on Physical Activity for Health**. Genebra, 2010: OMS; 2010.

RAMOS, M. R. V. O USO DE TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA. **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais** – UEL. 2012.

TROMBETTA, G.R; FAXINA, E. Interferência do aparelho celular na escola. 2015.